

# CARTOGRAFIAS PESSOAIS DOS MORADORES RURAIS DE SÃO MIGUEL DAS MATAS/BA: NARRATIVAS QUE REVELAM E ENSINAM AS (GEO)GRAFIAS DO LUGAR

Gabriel Rosa da Conceição Silva<sup>1</sup>  
Hanilton Ribeiro de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho representa o resultado do Projeto de Iniciação Científica, financiado pelo Programa Institucional de Iniciação Científica (PICIN), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O objetivo desta pesquisa foi analisar as cartografias pessoais dos moradores rurais de São Miguel das Matas/BA, a fim de compreender como as inter-relações entre sujeitos e espaço revelam as geografias do lugar e influenciam nas leituras de mundo. Os procedimentos metodológicos, foram utilizados o programa *Quantum Gis*, pesquisa bibliográfica com teóricos que discutem a temática, pesquisa sobre os dados de produção agrícola do município no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como a realização de entrevistas narrativas com moradores de comunidades rurais do município. A partir de dos resultados obtidos, constatou-se que grande parte dos moradores construíram vínculos afetivos com o lugar, mas também há aqueles que sofrem com os problemas existentes no campo, tendo como opção migrar para os espaços urbanos.

**Palavras chave:** Cartografias; Espaço; Lugar. Geografias.

## PERSONAL CARTOGRAPHS OF RURAL RESIDENTS OF SÃO MIGUEL DAS MATAS/BA: NARRATIVES THAT REVEAL AND TEACH THE (GEO)GRAPHS OF THE PLACE

**Abstract:** The present work represents the result of the Scientific Initiation Project, funded by the Institutional Program for Scientific Initiation , of the State University of Bahia. The objective of this research was to analyze the personal cartographies of the rural residents of São Miguel das Matas/BA, in order to understand how the interrelations between subjects and expressive space as geographies of the place and influence in the readings of the world. The methodological procedures used were the Quantum Gis program, bibliographical research with theorists who discuss the theme, research on agricultural production data in the municipality at the Brazilian Institute of Geography and Statistics, as well as conducting narrative interviews with residents of residents of rural communities in the municipality. From the results

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia pelo Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus V -Santo Antônio de Jesus (BA). Email: [gabrielrosacs@gmail.com](mailto:gabrielrosacs@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus V - Santo Antônio de Jesus (BA). Email: [hansouza@hotmail.com](mailto:hansouza@hotmail.com)

obtained, it was found that most residents built affective bonds with the place, but there are also those who suffer from the problems existing in the countryside, having as an option to migrate to urban spaces.

**Keywords:** Cartographies; Space; Place; Geographies.

## INTRODUÇÃO

O lugar, em seus vários espaços e sentidos,  
é uma ideia-chave para enfrentar os desafios cotidianos.  
É no lugar que os problemas nos atingem  
De forma mais dolorida, e é também  
nele que podemos melhor nos fortalecer.  
(MARANDOLA JÚNIOR, 2014, p. XVII)

O presente trabalho representa o resultado final do Projeto de Iniciação Científica, financiado pelo Programa Institucional de Iniciação Científica (PICIN), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O referido trabalho está vinculado ao projeto Que mapa estão os meus pés? Cartografando mapas pessoais e (re)descobrimo o lugar para (re)aprender e ensinar novas Geografias<sup>3</sup>, coordenado pelo professor Dr. Hanilton Ribeiro de Souza. O recorte espacial escolhido para a pesquisa de campo foi o espaço rural do município de São Miguel das Matas/BA.

O município de São Miguel das Matas (Figura 1), situado no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, no estado da Bahia, é reconhecido regionalmente por sua produção agropecuária, especialmente a mandioca e o cacau, além de festas populares como o São João e outras festividades religiosas.

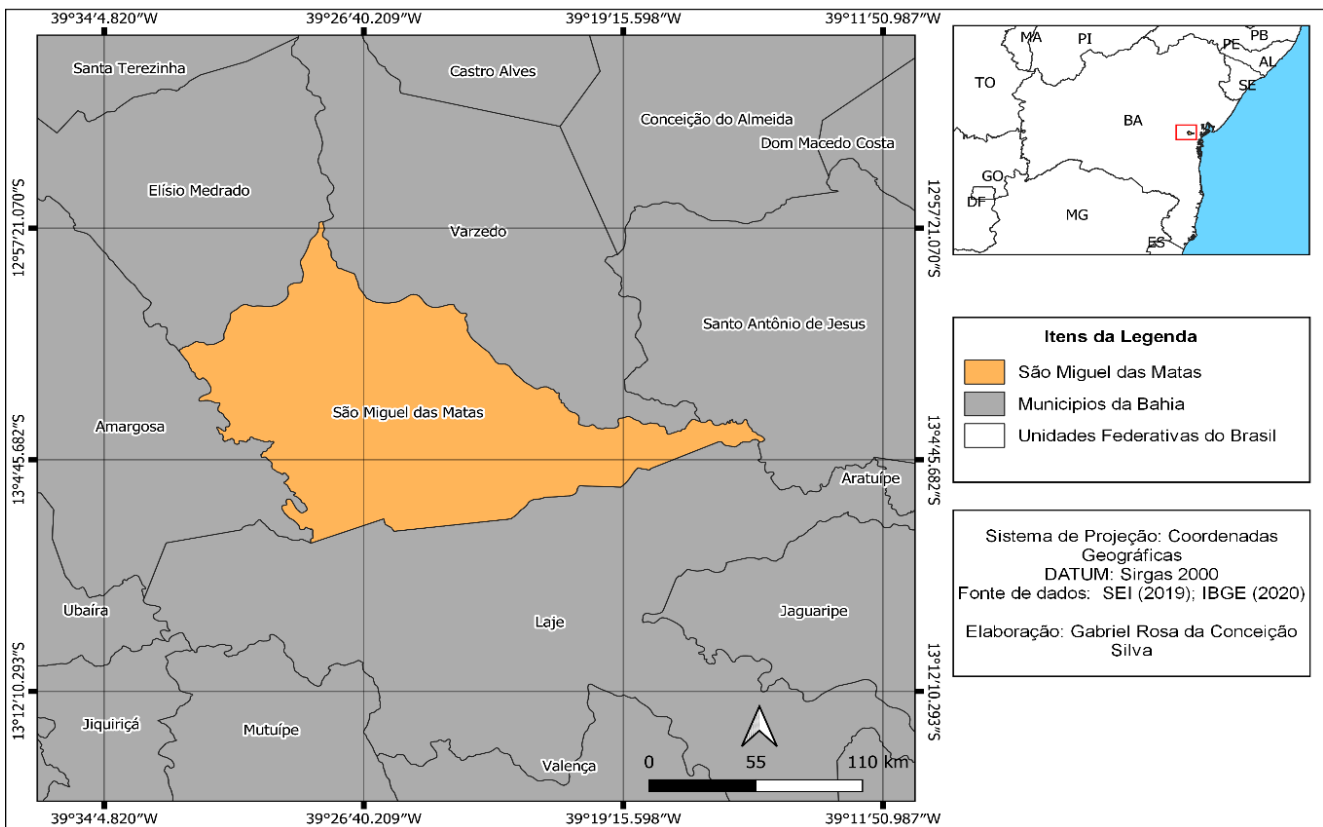
Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), o município possui 230 km<sup>2</sup> de área territorial, tendo uma população estimada em 11.733 pessoas, sendo que, aproximadamente, 70% residem em contextos rurais. E 189 km de distância da capital do estado: Salvador.

Destaca-se que o objetivo desta pesquisa foi analisar as cartografias pessoais dos moradores rurais de São Miguel das Matas/BA, a fim de compreender como as inter-relações mantidas entre sujeitos e espaço revelam as geografias do lugar e influenciam nas suas leituras de mundo. Quanto aos procedimentos metodológicos, foram utilizados o programa *Quantum Gis* para a produção de mapas, pesquisa bibliográfica com teóricos que discutem a temática, pesquisa sobre os dados de produção agrícola do município no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), bem como a realização de entrevistas narrativas com moradores de comunidades rurais do município.

---

<sup>3</sup> Projeto submetido e aprovado pelo CEP/UNEB, número CAAE: 44650621.6.0000.0057.

Figura 1. Mapa de Localização do Município de São Miguel das Matas- BA



## REFERENCIAL TEÓRICO

A categoria de análise geográfica lugar, foi estabelecida para o desenvolvimento do referido projeto, tendo em vista que o lugar guarda e imprime subjetividades dos/nos sujeitos que ali habitam, transformam e experienciam diversas relações socioespaciais. Assim como as outras quatro categorias geográficas, o lugar possui diferentes abordagens conceituais. Porém, concebemos que a mais viável para elucidar o problema e alcançar os objetivos propostos, seja as abordagens da Geografia Humanística.

A obra organizada por Marandola Jr. *et al* (2014) “Qual o espaço do lugar?” engloba um conjunto de textos com relevantes discussões sobre o lugar, na perspectiva humanística, provocando o leitor a se debruçar nas entrelinhas do espaço geográfico e encontrar o seu lugar no mundo. Oliveira (2018, p. 5) afirma que “a atual concepção de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria”. Nesse sentido, tem-se a premissa que, para melhor compreensão, o conceito em destaque deve ser analisado em conjunto com outras variáveis.

Após o surgimento da Geografia Humanística, o lugar passou a ser estudado por diferentes abordagens e perspectivas, sendo a principal delas, a busca pela compreensão das relações e afetividades humanas estabelecidas com o espaço vivido, uma vez que o lugar está em constante processo de transformação pelos habitantes, que também se transformam neste processo, pois a relação é mútua e intrínseca entre eles.

Sobre a construção de lugares, Mello (2014, p.38) afirma que:

[...], a cidade, a região, a pátria e até mesmo o planeta Terra, nestes tempos de consciência ecológica, alçam simbolicamente à condição de lugares. 'A Terra é o nosso lar'. 'Da mesma forma a casa, revestida 'de um valor excepcional pela sua universalidade, pela profundidade das suas significações'.

A partir desta afirmação de Mello (2014), podemos perceber que até os espaços mais distantes podem ser alçados como lugares, em razão da aproximação com o distante e diferente, resultado do “encurtamento” das distâncias proporcionado pelo avanço tecnológico, que resulta no processo de globalização econômica e cultural. Entretanto, é importante ter consciência para não conceber como verdadeiras as propagandas ilusórias dessa globalização, enquanto fábula, mas sim compreender os benefícios e malefícios desta unificação do mundo pela tecnologia. (Santos, 2019)

Diante disto, as abordagens das inter-relações entre ser humano e espaço geográfico se tornam importantes para a compreensão do mundo contemporâneo, já que o espaço geográfico, desde o local até o global, está em constante transformação, assim como a sociedade que constrói estas escalas espaciais. E neste progresso, até mesmo os espaços que os humanos ainda não tiveram acesso, despertam a curiosidade mediante fotografias ou imagens capturadas através de satélites, que, por sua vez, se torna um processo de acesso propiciado pela evolução tecnológica, que ampliou o conhecimento de mundo, e é um dos impulsionadores do processo de globalização econômica e cultural (Mello, 2014).

O lugar é formado por subjetividades, determinado espaço pode ser aconchego para um cidadão, enquanto outros não terão a mesma interpretação. Todas as categorias de análise só existem porque estão subordinadas ao espaço, não há como existir lugar e paisagem sem espaço, diante disso, Tuan (1983, p.61) diferencia os conceitos

O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio, aventura, dependência e liberdade.

No entanto, o lugar não está concentrado apenas em espaços fechados, uma pessoa pode ter, em um espaço aberto, o sentimento profundo de segurança e aconchego, como no exemplo de municípios, como também, espaços fechados e pequenos podem oprimir um claustrofóbico. Independente do espaço ser fechado ou aberto, pode ser considerado como lugar, possuindo diferentes concepções e sensações para cada indivíduo que vivencia os espaços. (TUAN, 1983)

Massey (2008) delimita abordagens alternativas de conceituar o espaço, e conseqüentemente o lugar, já que ambos estão interligados, fundamental para compreender e discutir sobre uma perspectiva humanística, a autora afirma que:

Se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleções dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro desse cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das desconexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isso contribui para a especificidade do lugar. (Massey, 2008, p.190)

Assim, percebe-se que o discurso de Massey (2008) dialoga com outros autores, evidenciando a importância de se compreender as subjetividades contidas nas inter-relações entre sujeitos e lugares, tendo em vista que àqueles que percorrem, habitam e/ou modificam esta parcela espacial, imprimem nele suas características, do mesmo modo que são transformados pelo lugar, pois não vivemos simplesmente sobre o lugar ou no lugar, mas também do e com o lugar.

O lugar, assim como o espaço, faz parte do cotidiano dos sujeitos, em diferentes atividades sociais, como: o trabalho, estudo, lazer, esporte, entre outros. Diante das abordagens, é necessário ressaltar que sujeito e lugar não se separam, pois a categoria de análise só existe com a afirmação do pertencimento de uma pessoa pelo espaço vivido, o que define a lugarização vivida. Em relação a este processo, fenomenólogos afirmam que o corpo vivido é um componente primordial do lugar e da experiência do/no/com o lugar, pois corpos vividos pertencem a lugares, a ponto de auxiliarem em sua formação (Seamon, 2017). Esta afirmação evidencia a relevância das relações entre sujeito e espaço, como pode ser observado no fluxograma (Figura 2).

Figura 2. Inter-relações dos lugares.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

O lugar é construído por seres humanos que reproduzem relações entre o espaço, tempo e sociedade, como também o lugar pode ser um elemento fundamental para a formação da identidade dos sujeitos que ali vivem. Massey (2008), base principal para este trabalho assim como Tuan (1983), refletem que para haver um sentido de lugar é necessário compreender que ele precisa de conexões com outros lugares, sendo uma ideia de coexistência.

O lugar está enraizado na alma, coração e mente das pessoas, ele não é apenas um pedacinho de terra, mas sim um espaço de aconchego, paz, tranquilidade. Não é um objeto de estudo único dos geógrafos, ele se mostra relevante para arquitetos, engenheiros, filósofos, historiadores, poetas, escritores, entre outros. O lugar quebra a individualidade e abraça a coletividade, ignora o ódio e rancor, criando laços de amizade e amor. Segundo Berdoulay e Entrinkin (2014, p.103):

[...] essa parte ativa de um sujeito que se transforma, ele próprio, ao transformar o mundo no qual se insere. É o jogo do distanciamento

do sujeito, ativo, autônomo, em relação ao seu ambiente que prende nossa atenção, a fim de apreendermos a construção do “entre-dois” que constitui, em nossa perspectiva, o lugar [...].

Nesse sentido, tanto lugar como sujeito estão em constantes transformações, e, conseqüentemente, quando um sujeito ou um grupo de pessoas transformam um espaço, também estão transformando suas subjetividades interiores. Vale ressaltar que a composição de identidades coletivas está ligada ao sentimento de pertencimento aos lugares. Uma das semelhanças entre sujeito e lugar dá-se na característica de mutabilidade moderna, onde ambos estão em constantes transformação, acompanhados do tempo e espaço. (Berdolay e Entrikin, 2014)

Utilizando o exemplo do “orgulho nordestino e do orgulho brasileiro”, na mesma medida em que os espaços são amplos territórios, também são lugares ricos em memórias, culturas e significados para um povo que vive em coletividade. Mesmo com diversos problemas e situações deprimentes, em grande parte dos sujeitos ainda há o sentimento de orgulho por conviver ou sobreviver em determinados lugares.

Bolle (2000) analisa a obra de Walter Benjamin:

[...] Quando eu estiver velho, gostaria de ter no corredor da minha casa  
Um mapa de Berlim  
Com uma legenda  
Pontos azuis designariam as ruas onde morei  
Pontos amarelos, os lugares onde moravam minhas namoradas  
Triângulos marrons, os túmulos  
Nos cemitérios de Berlim onde jazem os que foram próximos a mim  
E linhas pretas redesenhariam os caminhos  
No Zoológico ou no Tiergarten  
Que percorri conversando com as garotas  
E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores  
Onde deliberava sobre as semanas berlinenses  
E muitos quadrados vermelhos marcariam os aposentos  
Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento  
[...].  
(Walter Benjamin, 1932, *apud* Bolle, 2000, p. 40)

O autor utiliza memórias pessoais de sua vida, objetivando guardá-las por meio de um grande mapa, cartografando os lugares que em algum momento foram marcantes para ele. Para algumas pessoas pode parecer uma ideia ingênua, mas o desejo de Benjamin (1932), é um retrato de como os lugares foram e são marcantes na vida dos sujeitos, e que, neste caso, o mapa é a forma de representar, de forma concreta, suas subjetividades: memórias, sentimentos, valores e, também, espacializações, pelos lugares.

A partir da vivência que o sujeito possui com os espaços, as relações irão sendo construídas e fortalecidas a cada reforço positivo para ambas as partes. Uma vez que, um único indivíduo não constrói um espaço sozinho, assim como na sociedade moderna, dificilmente um sujeito irá viver em um único local. No entanto, somente aqueles espaços que marcam a vida do sujeito positivamente serão denominados como lugar, já os lugares que trazem repulsa podem ser denominados de não-lugar. Carlos (2007, p. 67) indica que:

[...] o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição, é nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros de lugares, através da não-identidade, mas não para pôr aí, pois também se produzem *comportamentos e modos de apropriação* desses lugares.

Diante destas discussões, as cartografias do lugar, tornam-se importantes instrumentos pedagógicos, geográficos e sociais, aproximando os conteúdos programáticos para o cotidiano do aluno dentro dos espaços vividos, como também para pesquisas acadêmicas, tendo em vista que o pesquisador irá conhecer melhor o entrevistado e o lugar que ele está inserido. Delory-Momberger (2014, p.132) afirma que “O modo como os alunos vivem, representam e significam a escola e o que fazem ali não podem deixar de corresponder, sob ângulos e formas diversas, ao modo como eles próprios ‘se narram’ [...]”, ratificando a relevância desta ação escolar. A autora também destaca que

[...] Do mesmo modo que a biografia se inscreve numa escritura do tempo –numa cronografia –, toda biografia se inscreve numa escritura do espaço, numa geografia. Perguntar-se sobre a maneira pela qual o espaço nos constitui e pela qual nos construímos, biograficamente, no e com o espaço, é perguntar-se sobre a maneira pela qual praticamos e experimentamos o espaço [...]. (2012, p. 69-70)

As biografias ou cartografias pessoais fazem parte da história do lugar onde o indivíduo está inserido, uma vez que, os lugares só existem devido a relação vigente entre espaço-sujeito. A compreensão das biografias pode ser fundamental para o estudo do lugar, ratificando que lugar e sujeito estão interligados, ambos fazem parte um do outro, além de que, o lugar só é lugar devido ao sentimento de pertencimento que um ou mais sujeitos têm pelo espaço (DELORY-MOMBERGER, 2012).

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para compreender o sentido e conceito de lugar, é necessário realizar uma vasta pesquisa bibliográfica em autores renomados. Mas para alcançar o objetivo da pesquisa, só será possível escutando as narrativas que revelam e ensinam sobre os lugares que os mesmos fizeram parte da construção, os moradores do espaço rural da cidade em estudo.

As entrevistas narrativas foram escolhidas como principal metodologia e técnica de pesquisa, visto que não objetivam obter respostas corretas ou erradas, mas sim compreender a fala do entrevistado tendo contato com a subjetividade do sujeito, e neste caso, também do lugar observado, as informações são relevadas a partir de linguagens formais ou não-formais, respeitando a formação do indivíduo. Este estilo de entrevista, possibilita ao pesquisador ter acesso as particularidades que o narrador revela, formando “processos estes que servirão para compreender como os sujeitos significam suas vidas e sua relação com o entorno, ou seja, com os outros e com o mundo”. (Souza, 2015, p. 97)

As narrativas possuem grande potencial geográfico, uma vez que, através da interpretação, o pesquisador pode traduzir para uma perspectiva (geo)científica, obtendo informações das relações socioeconômicas, ambientais, entre outros aspectos da geografia do lugar, além disso, identificando como os vínculos que o

sujeito tem com o espaço influência em sua concepção de mundo. (Jovchelovitch e Bauer, 2002 *apud* Souza, 2015)

As entrevistas realizadas seguiram critérios éticos de não identificação dos colaboradores, que serão identificados com codinomes. Destaca-se também que todos os entrevistados participaram de forma consensual, livre e esclarecida, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ao total foram 5 pessoas entrevistadas com idades entre 21 a 88 anos, sendo 3 mulheres e 2 homens, moradores de diferentes comunidades rurais do município em estudo. As entrevistas foram ancoradas na abordagem (auto)biográfica, que não busca quantificar e/ou comprovar, mas sim, compreender o fenômeno, a partir das inter-relações dos sujeitos como seu espaço vivido. A pesquisa de campo foi realizada entre Maio e Agosto de 2022.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tuan (1983) destaca que o lugar é identificado nos espaços em que há sentimento de pertencimento, a identidade biográfica do homem com elementos do seu espaço vivido. Nesse sentido, os colaboradores Marcelo e Maria, moradores da comunidade rural Riacho das Bananeiras, nos relatam:

[...] Eu gosto muito daqui, pra eu morar em outro lugar tinha que ter um emprego bom, uma coisa assim mais segura. Mas eu nunca tive assim um emprego bom mesmo, então, foi aqui que eu já estava com idade até 30 e poucos anos e consegui passar no concurso de agente comunitário. Então, se um dia eu sair daqui, vou para cidade próxima e pequena ou São Miguel ou Varzedo, não tenho vontade, mas se um dia for preciso. [...]. (Marcelo, 57 anos, 2022)

[...] Nunca pensei em morar em outro lugar não, nunca passou pela minha cabeça. Eu gosto muito daqui, aqui você tem tudo, tem hortaliças, tem um vizinho que vende na porta, tem pão, tem leite. Você chega em casa e encontra o pão pendurado na porta, é um lugar tranquilo, tá perto da cidade, graças a Deus, não tem necessidade de se deslocar daqui. [...]. (Maria, 55 anos, 2022)

Os relatos confirmam o discurso de Tuan (1983), identificando que os moradores construíram vínculos com o espaço em que vivem, a ponto de que em uma necessidade de mudança, só se permitiria caso fosse realmente preciso, e seria para um local próximo, e que mantivesse relação com o antigo lugar.

No município em estudo, a agricultura é uma das principais atividades econômicas, há agricultores que possuem propriedades, e aqueles que trabalham de modo informal. Flávia, moradora da comunidade Engenho Velho, afirma que sua comunidade é composta por muita pobreza, devido à falta de terras para os pequenos agricultores:

[...] É uma comunidade assim bem pobre, entende? Não é aquele povo que tem tudo, é um povo que passa dificuldade, nem todo mundo, mas tem muita gente que passa bastante dificuldade. Nós vemos as situações das casas, no geral, a maioria dos moradores são todos bem pobres, sofridos, que trabalham duro, não é aquele povo que tem tudo com facilidade, é um povo bastante sofrido [...]. (Flávia, 42 anos, 2022)



Trabalham na diária, a maioria. E outros que têm uma condição melhor que tem uma plantação de cacau, mas são poucos. A maioria mesmo trabalha na diária. Que é R\$50,00, quando tem, que é difícil também, não é fácil de conseguir, não [...]. (Flávia, 42 anos, 2022)

A partir das narrativas, podemos descobrir algumas geografias do lugar, como o desemprego, tamanho reduzido de pequenas propriedades. Assim como outros municípios do país, São Miguel das Matas possui uma má distribuição de terras, onde há latifundiários com grandes fazendas, enquanto pequenos agricultores não possuem propriedade para sua subsistência, o que conseqüentemente, produz desigualdade social no município. Os principais produtos cultivados são o cacau e a mandioca, a introdução do cacau no município, é um assunto interessante, e Marcelo afirma que:

[...] O cacau era um plantio do sul da Bahia, porque eu me lembro assim, que no sul todo mundo era rico porque vivia de cacau, dizem que não precisava nem para estudar, porque o cacau dava vida, na região do sul do Estado da Bahia. Mas quando veio pra cá, não foi todo mundo que ficou rico, começou todo mundo melhorar de vida, quem já tinha um jeito mesmo, porque também precisa de muito investimento, eu acho que lá no sul não precisava de tanto investimento como aqui precisa em terra, investir em adubo, em muita coisa para poder o cacau produzir [...]. (Marcelo, 57 anos, 2022)

Estas narrativas revelam as geografias do lugar, em processo de modificação, pois mostram a substituição de lavouras temporárias, como a mandioca, pelo cacau (lavoura permanente), em busca do crescimento econômico dos seus produtores. No entanto, a globalização como fábula (SANTOS, 2000) chega ao campo, com a promessa de que o cacau deixaria a população rica. Porém, o que se impõe na realidade é a globalização perversa, pois a lavoura cacauífera necessita de muito investimento, e isso esbarra na adaptação dos trabalhadores com as técnicas para manuseio da lavoura, preparo do solo, e sobretudo no tamanho das propriedades rurais. No entanto, nos últimos anos, o Cacau se tornou o produto mais rentável para a população miguelense (Tabela 1)

Ao observar os dados (Tabela 1), notamos que, no período de 20 anos, a área destinada à produção/colheita de mandioca em hectares (ha) foi reduzida em 76%, enquanto para o cacau, houve um acréscimo de 731%. Ao comparar a quantidade produzida em toneladas (t), notamos que a mandioca ainda continua sendo o produto principal do município. No entanto, o destaque está no valor de produção, a maior safra da mandioca teve um retorno de R\$ 9.450.000,00, em 2011, e o cacau obteve uma incrível renda de R\$ 21.437.000,00, em 2021, mesmo com a produção menor, ou seja, 50.500 toneladas a menos que a mandioca.

Tabela 1. Produção de Cacau e Mandioca em São Miguel das Matas/BA

<b>Produção de Cacau</b>	<b>de 2001</b>	<b>2011</b>	<b>2021</b>
<b>Quantidade produzida (t)</b>	138	540	1.649
<b>Valor da produção (R\$) x 1000</b>	368	2.916	21.437
<b>Área destinada à colheita (ha)</b>	328	900	2.400

<b>Produção de Mandioca</b>	<b>de 2001</b>	<b>2011</b>	<b>2021</b>
<b>Quantidade produzida (t)</b>	114.750	52.500	14.566
<b>Valor da produção (R\$) x 1000</b>	6.311	9.450	5.863
<b>Área destinada à colheita (ha)</b>	7.650	3.500	1.836

Fonte: IBGE (2021). Elaborado pelos autores, 2022.

Para entender os processos que levaram a substituição das lavouras, Flávia afirma que:

[...], como dizem, são os atravessadores, que saem na vantagem, quem mais ganha com a farinha, porque vendem caro, acaba vendendo mais caro do que compram, acho que na casa de farinha, hoje, sai R\$2 ou R\$3 o quilo. Aí, chega no mercado quando a gente vai comprar tá de R\$6 ou R\$7 o quilo. Então, quem ganha dinheiro mesmo é quem compra pra revender, quem ganha menos é quem planta a mandioca, é o pobre coitado que tá lá sofrendo na roça, tomando sol quente nas costas, quem planta ainda tem que pagar para o dono da casa de farinha que não plantou, não teve trabalho nenhum, acho que é 20% [...]. (Flávia, 42 anos, 2022)

Aqui percebemos que a geografia do lugar sendo revelada pelo longo processo desde o plantio do cacau ou manaíba (mandioca) até os consumidores finais, e dentro destas relações, o agricultor é ainda prejudicado com os chamados “atravessadores”: indivíduos ou empresas que compram o produto e vendem para o consumo final. O cacau é direcionado para a zona cacauzeira, e a farinha de mandioca é dividida entre Itabuna/BA, Santo Antônio de Jesus/BA, ou para os supermercados locais. Acredita-se que o principal fator que levou à substituição das lavouras, estaria ligado às atividades de produção, alinhada com o valor final do produto, de acordo com informações da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (SEAGRI, 2022), da Bahia, o valor de 50 kg da farinha de mandioca estava cotado por R\$ 230,00 em 30/09/2022, enquanto apenas 15 kg de cacau custava R\$ 185,00.

Um trecho interessante no relato de Flávia, quando ela narra que o proprietário da casa de farinha recebe 20% do lucro. No entanto, em comunidades

associativistas, como o Riacho das Bananeiras, esta porcentagem é menor, garantindo um melhor retorno para o agricultor, como relata Maria:

[...] Ai as pessoas plantam sua roça e pagam a quem trabalha, que a pessoa não trabalha só, paga as raspadeiras e a porcentagem da casa de farinha, que é 6% do que você faz é que deixa na casa de farinha, que é para manter a casa de farinha, que tem um caixa. Esse caixa dá uma porcentagem ao administrador no final do mês que fica ali administrando e ajudando nas tarefas e é isso ai, cada um banca o seu trabalho, se você é o dono da mandioca daquele dia, é você que paga quem arranca, quem leva e quem raspa, e ai você procura a quem vender, as vezes já tem uma pessoa para comprar na casa de farinha mesmo [...]. (Maria, 55 anos, 2022).

Neste relato, vida evidente, a geografia do lugar a partir da relevância das associações comunitárias rurais e do cooperativismo rural para o desenvolvimento das comunidades e do senso comunitário dos moradores. Na casa de farinha comunitária os 6% são apenas para manter a estrutura e auxiliar no desenvolvimento de cada morador, enquanto nas casas de farinha particulares, o proprietário fica com parte do lucro, para atender seus objetivos pessoais. A Associação dos Pequenos Agricultores da Região do Riacho das Bananeiras, é um exemplo nítido que o associativismo – se também se implantar o cooperativismo rural –, é uma maneira de fortalecer a agricultura local, inclusive sobrepondo os atravessadores. No entanto, na geografia do lugar, revelada pelas cartografias pessoais, nem todas as comunidades rurais possuem associações ativas que lutam pela melhoria na qualidade de vida dos moradores.

Uma ação que poderia ser realizada por intermédio do cooperativismo, seria a negociação direta dos produtos com o consumidor final, evitando os atravessadores. Contudo, demandaria de uma série de ações, que a maioria dos agricultores não estão organizados, preparados ou não possuem capital necessário para investimentos, como, por exemplo, a compra e manutenção de caminhões para o transporte do cacau até a zona cacauera ou da mandioca ou farinha até os grandes mercados consumidores.

No que se refere a paisagem, no processo de plantio dos espaços para o cultivo do cacau, mandioca, outras culturas e, principalmente, para a pecuária no município, grande parte da vegetação primária foi desmatada, e continua sendo, para ceder espaço a pastagens ou plantações, o senhor João, 88 anos, morador da comunidade rural Liberdade, relata que houve transformações na paisagem local.

[...] Mudou muito, antigamente aí na frente, era coberto de cana-de-açúcar e laranja, depois que o povo comprou, fizeram pastagem, tinha uma mata ali na estrada, já era pedaço pequeno e hoje acabaram, é tanto que hoje tem gente que ainda chama de mata, mas não tem mais nada, tinha muito camurujipe e jequitibá, uns paus grossos. O que acabou foram as águas, aqui tinha muita água, em todo canto aqui tinha água, você cavava um buraco e já fazia uma fonte, hoje, se cavar, não acha é nada. A valência é que sr. Ivan e sr. Inocêncio fizeram uma fonte ali em baixo, depois sr. Ivan comprou a fazenda e fez um poço ali em baixo[...]. (João, 88 anos, 2022)

Nas narrativas, repletas de cartografias pessoais, observamos outras mudanças na geografia do lugar, como: o desmatamento das florestas ombrófila

densa e estacional semidecidual, matas que dão nome ao município, antes São Miguel da Aldeia, em referência à proximidade com a aldeia dos índios do Arco Verde, que foram expulsos com o povoamento do local. Além disso, houve a substituição de áreas destinadas para produção agrícola permanente e/ou temporária para servir à pecuária extensiva, ou seja, uma formação de latifúndios na região e a retirada das poucas árvores e plantas que ainda existiam (BASTOS, 2019). A cana de açúcar era outra lavoura importante no município, utilizada para a produção local da cachaça Liberdade. O interesse em obter e concentrar capital, devasta os resquícios de mata atlântica do município, mesmo sendo comprovado os malefícios da devastação ambiental para a natureza e sociedade, bem como, também, dos benefícios da agrofloresta para criação de bovinos.

A partir da transformação na paisagem ocasionada pela devastação da natureza, observamos um novo problema relatado por Sr. Vitório, que é a crise hídrica, apesar do município ser privilegiado em fazer parte das bacias hidrográficas do Jiquiriçá e Recôncavo Sul, os cidadãos mais pobres sofrem com dificuldades para obter água potável. Como consequência da destruição ambiental, muitas nascentes, fontes, riachos, entre outros cursos hídricos se esgotaram, prejudicando os moradores locais. Somente nos últimos anos é que o poder público se preocupou em desenvolver projetos e obras para solucionar este problema, como Marcelo relata:

[...] A gente pediu um projeto de água ao governo do estado, eu fui várias vezes a Salvador, lá na sede, levar o projeto da água e esse projeto só está chegando agora, dizem que está chegando e aí já se encontra bastante canos e o tanque, no local onde vai ser colocado, já cavou o poço tem mais ou menos de seis a sete anos que cavou o poço aqui do outro lado e, agora, que está com muita pressão, né, muitos políticos fazendo pedidos, um pede, outro pede e, agora, está saindo, não sabe nem quem é o pai da obra, mas tá bem, graças a Deus. Primeiro foi a gente porque, ainda um dia, um político que falou no rádio, se não tiver um político no meio, pobre não vê e até que eu estou acreditando isso mesmo, só vê se tiver um político lá “futucando” para poder vir, e acabou vindo. Na realidade, vamos ver o que que vai acontecer daqui para frente[...]. (Marcelo, 57 anos, 2022)

Neste relato, dois pontos importantes da geografia do lugar podem ser discutidos, mais uma vez a importância da união dos moradores, através da associação rural, para a cobrança de melhorias em prol de um bem comum, como também a velha política clientelista, com resquícios de coronelismo do século XX, quando as obras públicas são aproveitadas por políticos como um motivo para “pedir/comprar votos”, ou obras com cunho eleitoral, que são anunciadas às vésperas da eleições, mas passam por prorrogações sucessivas para serem concluídas.

É importante ressaltar, que a falta de água potável se tornou um problema que assola grande parte do município, a alternativa que o poder público apresenta é a implantação de poços artesianos, que por sua vez, pode intensificar os problemas ambientais. Uma solução objetivando um desenvolvimento socioambiental a médio ou longo prazo seria a recuperação de nascentes e matas ciliares, pensando nas próximas gerações. Nesta perspectiva, Flávia relata que:

[...] Tem particular também, se eu não estou enganada, perto da minha casa tem dois particulares, eles destroem as matas, e depois

querem ir cavar poço artesiano. A gente fica, assim, pensando sem entender, porque destrói o rio que tinha lá para o boi beber, aí destruíram. Depois vão cavar poço artesiano para não faltar água? É uma situação complicada [...]. (Flávia, 42 anos, 2022)

Neste relato, outro aspecto da geografia do lugar é narrado, o poder exercido por uma pequena parcela da sociedade. Na sociedade capitalista, ser detentor de um meio de produção é sinônimo de poder, e, no município, a destruição da natureza continua com indivíduos cometendo crimes ambientais e saindo impunes. Entretanto, além de prejudicar a comunidade, acabam prejudicando a si próprios, como é destacado sobre que não há mais rios para o gado saciar a sede. Vale ressaltar que a perfuração de poços artesanais pode ser prejudicial para o meio ambiente e comunidade, contribuindo para a escassez do lençol freático, caso seja utilizado de forma irregular. E caso o lençol esteja contaminado, deverá passar por processos de tratamento da água. (Lima, 2016)

Segundo Tuan (1980, p.112) “O sentimento topofílico entre os agricultores difere enormemente de acordo com seu status socioeconômico. O trabalhador rural trabalha junto à terra; sua relação com a natureza é um misto de amor e ódio”. Em consonância com os relatos dos colaboradores, todos afirmaram que a produção agrícola é de grande relevância para suas famílias, Maitê, 21 anos, moradora de São Sebastião, comenta que

[...] Gostamos do trabalho, do que fazemos que é trabalhar na roça mesmo. Eu penso em continuar a morando aqui [...]. (Maitê, 21 anos, 2022)

Mesmo trabalhando na cidade, a colaboradora demonstra vínculos topofílicos com o seu lugar, afirmando continuar com a vida dupla: morar no espaço rural e trabalhar na cidade. No entanto, ainda há pessoas que saem definitivamente do campo em busca de trabalho na cidade. Um dos motivos relato é a falta de perspectivas ou oportunidades no espaço vivido, em razão da desigualdade no campo, onde os latifundiários desfrutam de grandes extensões de terra, enquanto o pequeno agricultor não possui espaço para toda a sua família, tendo que recorrer ao trabalho por diárias em fazendas ou atividades no espaço urbano.

Tuan (1980, p.112) descreve que “o pequeno agricultor, dono de sua terra, estava um pouco melhor; ele podia nutrir uma atitude devota para com a terra que o mantinha e que era sua única segurança”. As narrativas confirmam esta citação, quando trabalhadores rurais, que possuem propriedades, vivem tranquilamente garantindo sua subsistência. No entanto, em muitos casos, devido à extensão territorial das pequenas propriedades, não é o suficiente para garantir a sobrevivência de toda a família. Assim, os filhos dos agricultores se deslocam para outros lugares à procura de emprego, agricultores praticam a pluriatividade como forma de complementar a renda, entre outras formas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos, constatou-se que grande parte dos moradores construíram vínculos afetivos com o lugar por motivos, como: história familiar, convivência em comunidade, o viver como agricultor, mas também há àqueles que sofrem com os problemas existentes no campo, tendo como opção migrar para os espaços urbanos. Apesar das dificuldades enfrentadas, para muitos, não é o

suficiente para se desvincular do sentimento topofílico em relação ao espaço habitado.

Após as discussões sobre o conceito de lugar, percebemos como as inter-relações entre esta parcela espacial e o sujeito são constituintes tanto da formação da identidade individual/coletiva, quanto da construção e desenvolvimento do próprio espaço vivido.

Assim, a partir das narrativas dos colaboradores, se tornou possível identificar as geografias presentes no espaço vivido, como concentração de terras, desemprego e desigualdade no campo, tamanho reduzido das pequenas propriedades, substituição de lavouras pelo cacau, pouca presença de atividades associativistas, predominância dos atravessadores, problemas ambientais, como desmatamento e falta d'água, dentre outros.

Diante do exposto, nota-se que a Geografia do lugar apresenta determinadas peculiaridades, que devem ser analisadas e estudadas, inclusive nas salas de aula das escolas do município, pois os problemas destacados nas narrativas, podem ser solucionados com a união entre a comunidade rural através do associativismo, como também por esforço do poder público em colaborar com a melhoria de vida destes moradores através de políticas públicas, objetivando o desenvolvimento sustentável no município, impulsionando a agricultura e comércio local.

Notou-se que a substituição de lavouras temporárias para a lavoura do cacau, foi fundamental para o desenvolvimento econômico de parte dos agricultores. Entretanto, a desigualdade na distribuição de terras se torna um impasse, visto que ainda há uma quantidade significativa de trabalhadores rurais que sobrevivem das "diárias", enquanto existem grandes latifúndios.

As geografias do lugar, coletadas através das entrevistas narrativas, denominadas como cartografias pessoais, apresentam grande potencial para o estudo e pesquisas das dinâmicas socioespaciais do espaço vivido, neste caso, o espaço rural de São Miguel das Matas/BA. Além de comprovar a importância do lugar para como o modo de vida que os moradores exercem.

Enfim, as cartografias pessoais, além de revelar as geografias do lugar, também evidenciam que a roça, referência espacial e vivencial de tais sujeitos, também influencia na visão e leituras destes sobre o mundo. De acordo com os relatos, podemos destacar que os moradores enxergam o mundo a partir das inter-relações intrínsecas que exercem com o meio ambiente/natureza, objetivando sua preservação, já que dependem dos ciclos naturais, bem como leem o mundo através das relações e manuseio do solo e das lavouras; do orgulho de sua produção agrícola e do viver no contexto rural. Também reconhecem a importância do trabalho coletivo, seja em família ou comunidade, ao contrário do que ocorre nas cidades, sobretudo nas médias ou grandes, quando, devido ao modo de vida fundamentado no tempo e dinheiro, os indivíduos aprofundam hábitos individualistas e isolacionistas no cotidiano urbano e industrial.

## REFERÊNCIAS

BERDOULAY, Vicent; ENTRIKIN, J. Nicholas. Lugar e Sujeito: Perspectivas Teóricas. In: HOLZER, W.; JÚNIOR, E. M.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 93-118.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução Carlos Galvão Braga, Maria Conceição Passegi, Nelson Patriota. Natal/RN: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Escola, saber e figura de si. In: DELORY-MOMBERGER, Christine. (Org.). **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução e revisão científica Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passegi. 2. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2014. p. 109-137.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda P. Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O Triunfo do Lugar sobre o Espaço. In: HOLZER, W.; JÚNIOR, E. M.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, espistemologia, fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 33-68.

LIMA, Wendell de Araújo. **O impacto dos poços artesianos na qualidade dos lençóis freáticos na cidade de Manaus e a legislação vigente**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Amazonas. Programa de Pós Graduação em Direito Ambiental. 2016.

OLIVEIRA, Lívia de. O sentido de Lugar. In: HOLZER, W.; JÚNIOR, E. M.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, espistemologia, fenomenologia. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 3-16.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 29ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SEAGRI, **Cotação Agrícola**. Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/cotacao>. Acesso em: 11 out. 2022

SEAMON, David. Lugarização vivida e localidade do ser: um retorno à geografia humanística? **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** Belém, 9 (2), p. 147-168, mai. – ago., 2017. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000200012](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200012). Acesso em: 01 set. 2022

SOUZA, Hanilton Ribeiro de. **A cidade que não habita em mim!**: Diversas ruralidades, múltiplas territorialidades e narrativas dos alunos da roça sobre a cidade. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, Campus I. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.